A Viúva e Suas Duas Filhas

Jeanne-Marie Leprince de Beaumont

Edição 1.0.0 · Português brasileiro

Havia uma viúva, mulher bastante bondosa, que tinha duas filhas, ambas muito amáveis. A mais velha se chamava Blanche, e a segunda, Vermeille. Tinham-lhes dado esses nomes porque uma tinha a pele mais bonita do mundo, e a outra, as faces e os lábios vermelhos como coral. Um dia, a boa mulher estava perto de sua porta, fiando, quando viu uma pobre velha que mal conseguia se arrastar com seu bastão.

— A senhora está muito cansada — disse a boa mulher à velha. — Sente-se um momento para descansar.

Logo disse às filhas que dessem uma cadeira àquela mulher. As duas se levantaram, mas Vermeille correu mais depressa que a irmã e trouxe a cadeira.

— Quer beber alguma coisa? — perguntou a boa mulher à velha.

— De todo o coração — respondeu ela. — Parece-me até que eu comeria de bom grado alguma coisa, se a senhora pudesse me dar algo para abrir o apetite.

— Darei tudo o que estiver ao meu alcance — disse a boa mulher. — Mas, como sou pobre, não será grande coisa.

Ao mesmo tempo, disse às filhas que servissem a boa velha, que se sentou à mesa. A boa mulher mandou a mais velha colher algumas ameixas de uma ameixeira que ela própria havia plantado e de que gostava muito. Blanche, em

vez de obedecer de boa vontade à mãe, resmungou contra a ordem e disse consigo mesma:

— Não foi para essa velha gulosa que cuidei tanto da minha ameixeira.

Apesar disso, não ousou recusar algumas ameixas, mas as deu de má vontade e a contragosto.

— E você, Vermeille — disse a boa mulher à segunda filha —, não tem frutas para dar a esta boa senhora, pois suas uvas não estão maduras.

— É verdade — disse Vermeille —, mas estou ouvindo minha galinha cantar: ela acaba de pôr um ovo. Se a senhora quiser engoli-lo ainda quente, eu o ofereço de todo o coração.

Ao mesmo tempo, sem esperar a resposta da velha, correu para buscar o ovo. Mas, no instante em que o apresentava àquela mulher, ela desapareceu, e em seu lugar se viu uma bela dama, que disse à mãe:

— Vou recompensar suas duas filhas conforme o mérito delas. A mais velha se tornará uma grande rainha, e a segunda, uma fazendeira.

Ao mesmo tempo, bateu na casa com seu bastão e desapareceu, e no lugar se viu uma bonita fazenda.

— Eis a sua parte — disse ela a Vermeille. — Sei que dou a cada uma aquilo de que mais gosta.

A fada se afastou dizendo essas palavras, e tanto a mãe quanto as duas filhas ficaram muito espantadas.

Entraram na fazenda e ficaram encantadas com a limpeza dos móveis. As cadeiras eram apenas de madeira, mas estavam tão limpas que nelas se viam

como num espelho. As camas eram de tecido branco como a neve. Nos estábulos havia vinte carneiros, outras tantas ovelhas, quatro bois e quatro vacas; no pátio, animais de toda espécie, como galinhas, patos, pombos e outros. Havia também um belo jardim, cheio de flores e frutas. Blanche via sem ciúme o presente feito à irmã e só pensava no prazer que teria em ser rainha. De repente, ouviu passar caçadores e foi até a porta para vê-los. Pareceu tão bonita aos olhos do rei que ele resolveu se casar com ela. Depois de se tornar rainha, Blanche disse à irmã Vermeille:

— Não quero que você seja fazendeira. Venha comigo, minha irmã, e eu a farei casar com um grande senhor.

— Muito obrigada, minha irmã — respondeu Vermeille. — Estou acostumada à vida no campo e quero ficar aqui.

A rainha Blanche partiu, portanto, e estava tão contente que passou várias noites sem dormir. Nos primeiros meses, ficou tão ocupada com seus belos trajes, os bailes e as comédias que não pensava em outra coisa. Mas logo se acostumou a tudo aquilo, e nada mais a divertia. Pelo contrário, teve grandes desgostos. Todas as damas da corte lhe prestavam grandes respeitos quando estavam diante dela, mas ela sabia que não a amavam e que diziam:

— Vejam essa camponesinha, como se faz de grande dama! O rei tem o coração muito baixo para ter escolhido uma mulher dessas.

Essas palavras fizeram o rei refletir. Pensou que tinha errado ao se casar com Blanche e, como seu amor por ela havia passado, teve um grande número de amantes. Quando viram que o rei já não amava a esposa, começaram a não lhe prestar nenhuma consideração. Ela era muito infeliz, pois não tinha uma única boa amiga a quem pudesse contar seus desgostos. Via que, na corte, era moda trair os amigos por interesse, fazer boa cara a quem se odiava e mentir a

todo instante. Era preciso manter-se séria, porque lhe diziam que uma rainha devia ter um ar grave e majestoso. Teve vários filhos e, durante todo esse tempo, tinha junto de si um médico que examinava tudo o que ela comia e lhe tirava todas as coisas de que gostava. Não punham sal em seus caldos e a proibiam de passear quando tinha vontade. Em uma palavra, era contrariada de manhã até a noite. Deram governantas a seus filhos, que os educavam inteiramente às avessas, sem que ela tivesse liberdade para fazer qualquer reparo. A pobre Blanche morria de desgosto e ficou tão magra que dava pena a todos. Não via a irmã havia três anos, desde que se tornara rainha, porque pensava que uma pessoa de sua posição se desonraria ao visitar uma fazendeira. Mas, vendo-se acabrunhada de melancolia, resolveu passar alguns dias no campo para se distrair. Pediu permissão ao rei, que a concedeu de bom grado, pois pensava que ficaria livre dela durante algum tempo.

Chegou ao entardecer à fazenda de Vermeille e viu de longe, diante da porta, um grupo de pastores e pastoras que dançavam e se divertiam de todo o coração.

— Ai de mim! — disse a rainha, suspirando. — Onde está o tempo em que eu me divertia como essa pobre gente e ninguém via nisso nada a censurar?

Assim que ela apareceu, a irmã correu para abraçá-la. Tinha um ar tão contente e havia engordado tanto que a rainha não pôde deixar de chorar ao vê-la. Vermeille havia se casado com um jovem camponês que não tinha fortuna, mas ele sempre se lembrava de que a esposa lhe dera tudo o que possuía e procurava demonstrar sua gratidão com seus modos atenciosos. Vermeille não tinha muitos criados, mas eles a amavam como se fossem seus filhos, porque ela os tratava bem. Todos os vizinhos também a amavam, e cada um se apressava a lhe dar provas disso. Não tinha muito dinheiro, mas não precisava, pois colhia em suas terras trigo, vinho e óleo. Seus rebanhos

lhe forneciam leite, com o qual fazia manteiga e queijo. Fiava a lã de seus carneiros para fazer roupas para si, para o marido e para os dois filhos que tinha. Eles gozavam de ótima saúde e, à noite, passado o tempo do trabalho, divertiam-se com toda sorte de jogos.

— Ai de mim! — exclamou a rainha. — A fada me deu um mau presente ao me dar uma coroa. A alegria não está nos palácios magníficos, mas nas ocupações inocentes do campo.

Mal havia dito essas palavras, a fada apareceu.

— Não pretendi recompensá-la ao fazê-la rainha — disse-lhe a fada —, mas puni-la, porque você me deu suas ameixas a contragosto. Para ser feliz, é preciso, como sua irmã, possuir apenas as coisas necessárias e não desejar mais nada.

— Ah, senhora! — exclamou Blanche. — A senhora já se vingou o bastante: ponha fim à minha infelicidade.

— Ela terminou — respondeu a fada. — O rei, que já não a ama, acaba de se casar com outra mulher. Amanhã, seus oficiais virão lhe ordenar, da parte dele, que não volte ao palácio.

Tudo aconteceu como a fada havia predito. Blanche passou o resto dos seus dias com a irmã Vermeille, com toda sorte de satisfações e prazeres, e nunca pensou na corte senão para agradecer à fada por tê-la levado de volta à sua aldeia.

Texto e edição: As Verdadeiras Histórias
Tradução: Codex · tradução assistida por IA
Produção: Bons Filhos Educação
https://verdadeirashistorias.com.br/contos/a-viuva-e-suas-duas-filhas-jeanne-marie-leprince-de-beaumont